

Data: 24.03.2014

Título: Ondas estão a mudar de direção

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;26;27



Área: 1485cm² / 56%

Tiragem: 148.036

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4804411

Data: 24.03.2014

Título: Ondas estão a mudar de direção

Pub:

**CORREIO**  
da manhã

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

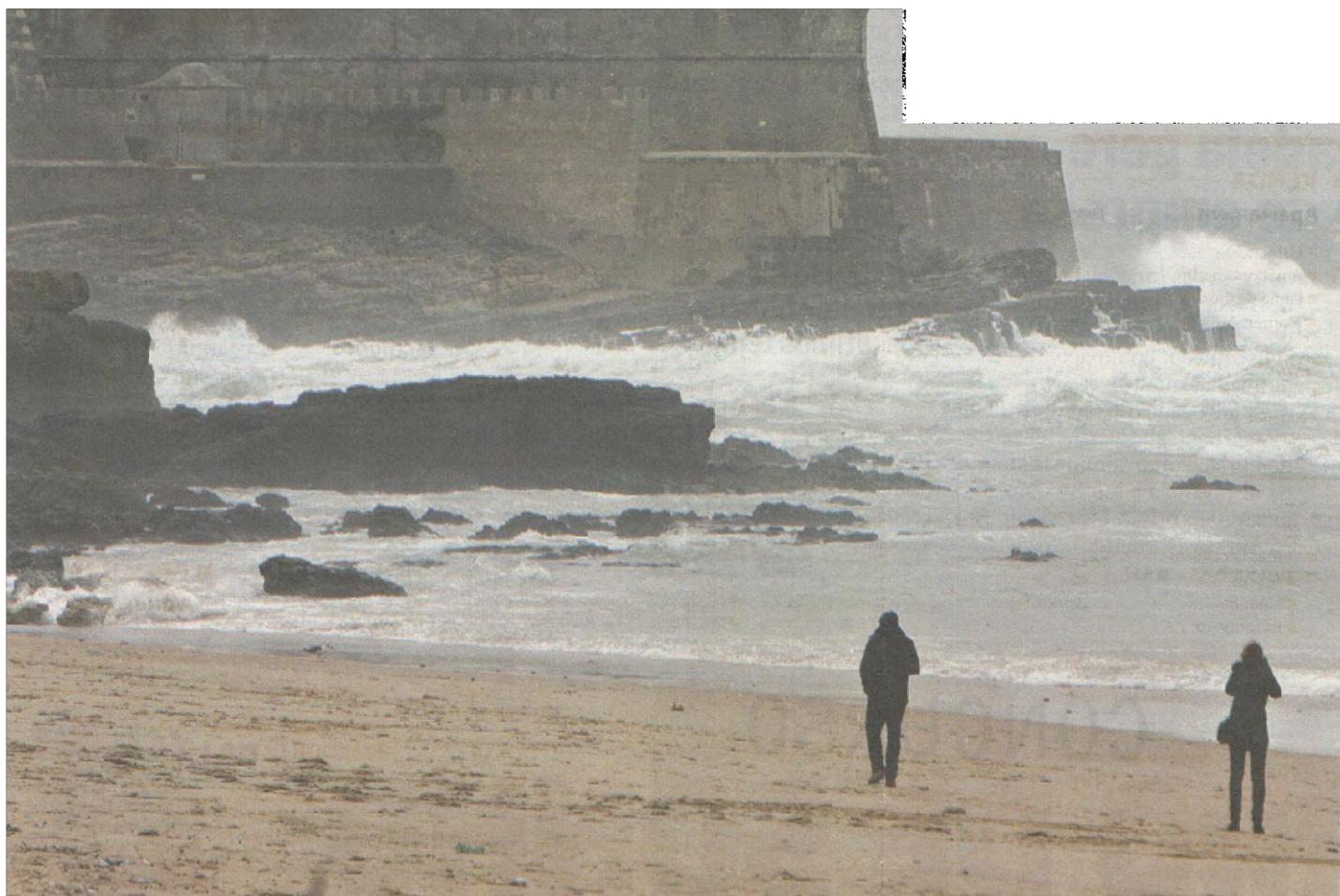
Pág: 1;26;27

  
clipping  
consultores

**EROSÃO COSTEIRA ■ PROCESSO AGRAVA ESTADO DAS PRAIAS DA COSTA PORTUGUESA**

# Ondas estão a mudar de direção

■ As praias de Cascais e Sintra são das que estão mais vulneráveis à mudança de direção das ondas. Portugal corre o risco de ter praias com cada vez menos areia



Area: 1485cm² / 56%

Tiragem: 148.036  
FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4804411

● ANDRÉ PEREIRA/  
/MANUEL JORGE BENTO

**A**s ondas que chegam à costa portuguesa estão a mudar de direção, o que vai agravar o processo de erosão das praias. A areia transportada pela ondulação passa a ser arrastada no sentido Norte-Sul e deixa de ser colocada nas praias. O problema tende a agravar-se com o aumento do nível médio do mar e a cada vez maior frequência dos fenómenos extremos.

“Há uma rotação da direção das ondas, que está a ficar mais paralela à costa. A orientação Nor-Noroeste significa que as ondas têm uma tendência para acelerar o transporte de sedimentos de Norte para Sul, diminuindo a alimentação das praias. Isto faz aumentar a erosão da costa”, explica ao CM Filipe Duarte Santos, professor

da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, especialista em alterações climáticas. O fenómeno foi identificado durante os estudos do

programa SIAM, entre 1999 e 2002, com especial incidência nas praias de Cascais e Sintra. “A rotação, no sentido dos ponteiros do relógio, é de poucos graus, mas tem grandes implicações no transporte de sedimentos”, acrescenta o investigador, dando conta de que as praias em baía são as mais afetadas. A erosão da costa é agravada pelo aumento do nível médio do mar. Com a subida das águas, ao ritmo de 3 milímetros por ano, o espaço de areal é cada vez menor. A tendência é de agravamento, devido ao aumento da temperatura média global. Isto provoca a dilatação térmica da camada superficial dos oceanos, o degelo dos glaciares e a fusão do ‘permafrost’. A tudo isto acresce o aumento da frequência dos fenómenos extremos como os verificados em Portugal: forte agitação marítima, períodos de curta duração de chuva intensa, ondas de calor mais longas e mais frequentes. ■

### As alterações do sentido das ondas refletem-se nas praias

### TRÊS TIPOS DE MEDIDAS DE PROTEÇÃO

● Filipe Duarte Santos vai coordenar um estudo da orla costeira. O especialista em alterações climáticas refere que há três tipos de medidas de proteção a ter em conta: a construção de estruturas pesadas, as medidas “em que se procura pôr a natureza do nosso lado, como fortalecer sistemas dunares”, e a retirada das populações da costa.

### VERÃO VAI TER PRAIAS MAIS PERIGOSAS

● Os perfis das praias alteraram-se com as tempestades. De acordo com os especialistas, verifica-se agora uma maior inclinação (devido à retirada de toneladas de areia), o que representa um risco acrescido para os banhistas. As alterações verificam-se principalmente nas praias da costa ocidental, onde as zonas de rebentação vão mudar.







**DISCURSO DIRETO**

**FERNANDO VELOSO GOMES**  
Espec. R. Hídricos, U. Porto

“Problemas sérios por resolver”



**Correio da Manhã – O mar, este ano, veio “buscar o que é dele”, como diz o povo. Foi um alerta ou a confirmação de que falta um plano para a costa?**

**Fernando V. Gomes** – Não é um problema de plano: é o agravamento de situações que começaram com a ocupação de zonas dinâmicas, que eram já atingidas pelo mar e onde, na altura, não havia casas, apoios de praia ou passadiços em cima das praias e das dunas.

**– Mas não falta um plano de intervenção na zona costeira?**

– Construir em altura e o mais próximo do mar era sinal de desenvolvimento. O modelo de ordenamento mudou, mas herdámos muitas situações e vamos ter de conviver com elas.

**– Há uma estratégia de conservação costeira?**

– Nos últimos anos, pouco se fala de zonas costeiras. Fala-se muito das bacias hidrográficas, do mar alto, da extensão da plataforma continental. Há uma faixa estreita, ao longo da costa, onde há problemas sérios por resolver: onde estão os portos, agentes turísticos, zonas balneares, comunidades piscatórias, apoios de praia. Estamos a pensar no mar alto e a abandonar a porta da casa. ■



**■ Paredão da Caparica ficou danificado com os temporais**

## Mar roubou vinte metros à Caparica

Os temporais do último inverno levaram o mar a ‘roubar’ 20 metros às praias da Costa da Caparica, no concelho de Almada. Por várias vezes o paredão foi galgado pela força das águas, que chegaram mesmo a arrastar areia para os parques de estacionamento e para a avenida. Os empresários dos bares da frente de mar reclamam agora que se regresse à reposição artificial de areia, interrompida há cinco anos – e que na altura custou 2,5 milhões de euros. ■



■ A praia Grande, no concelho de Sintra, foi uma das mais atingidas pelos temporais de janeiro. As obras de recuperação já se iniciaram

## Governo garante 300 milhões para a costa

■ Os temporais de janeiro deixaram um rasto de devastação em quase toda a costa portuguesa, com especial incidência no Norte e Centro do País.

No Minho, Moledo (Caminha) foi a zona mais atingida, sendo que Ofir (Esposende) também foi uma das áreas mais fustigadas pela agitação marítima. Matosinhos, Ovar, Marinha Grande, Mafra, Cascais e Almada foram outros dos concelhos cuja costa foi devastada, tendo sido destruídos bares, apoios de praia e mobiliário urbano.

No início de março, o ministro do Ambiente, Ordenamento do Território e Energia, Jorge Morei-

ra da Silva, garantiu que “há 300 milhões de euros disponíveis para, em 2014 e 2015, realizar as obras de recuperação dos estragos causados pelo mau tempo, bem como cerca de 300 intervenções que há anos estavam previstas”.

O governante especificou que, para os 29 municípios mais afetados pelo mau tempo, “existe uma verba adicional de 17 milhões de euros”. Os trabalhos já se iniciaram em várias praias, e o Go-

verno estima que as obras estejam prontas antes do início da próxima época balnear, para permitir que as zonas turísticas não percam ainda mais clientes. ■

**Para os 29 municípios mais afetados há 17 milhões adicionais**

